

O ENCONTRO COM O OUTRO EM JEAN-PAUL SARTRE

Aline Ibaldo Gonçalves¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO:

É através do olhar que se inicia a relação com o outro. Em *O Ser e o Nada*, Sartre usa o exemplo da vergonha como um modo de ser da consciência na qual o outro surge como mediador do Para-si consigo mesmo, pois sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. Existe uma conexão entre mim e o outro, diferente de minha relação com os objetos. Quando sou visto, tenho consciência de mim, mas não sou o meu próprio fundamento, tenho meu fundamento fora de mim através do outro. Pelo olhar, vivo a alienação de minhas possibilidades, pois o outro me objetiva. Ao ser objetivado, adquire uma dimensão de exterioridade como se eu tivesse uma essência. Mas o homem por si mesmo não tem acesso à sua essência. A existência e a liberdade do outro me ameaçam, pois tendem a me imobilizar no Em-si. Entretanto, não coincido com a sua apreensão de mim, pois não posso me olhar como o outro me olha. Será sempre indecifrável para mim. Mas a qualquer momento posso devolver o olhar do outro, assim, colocando a mim mesmo em minha própria liberdade e afrontando a liberdade do outro.

PALAVRAS – CHAVE: Olhar; Sartre; Outro; Alienação; Liberdade.

THE MEETING WITH THE OTHER IN JEAN-PAUL SARTRE

ABSTRACT:

Through the look starts the relationship with the Other. In *Being and Nothingness*, Sartre uses the example of shame as a way of being of consciousness which the other arises as a mediator of The Self with itself, because I feel ashamed of myself as I appear to the others. There is a connection between me and the other, different from my relationship with objects. When I am seen, I'm aware of me, but I am not my own foundation, I have my foundation outside myself through the others. By the look, I live

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: aline_ibaldo@hotmail.com

the alienation of my possibilities, because the other transforms me into an object. By being objectified, I get an externality as if I had an essence. But man does not have access to this essence. The existence and the freedom of others threaten me, because I stay immobilize in the being-in-itself. However, I do not coincide with what others apprehend of me, because I cannot look at me like the other looks. It will always be indecipherable to me. But, anytime I can return the other's look, thus, putting myself in my own freedom confronting the other.

KEY WORDS: Look; Sartre; Other; Alienation; Freedom.

Na filosofia sartreana o homem é absolutamente livre, sem essência, tendo de definir-se através de suas ações. A consciência é fluxo, não tendo conteúdo. O homem é homem pela sua condição de ser livre. O homem faz-se afirmando suas escolhas livres, assim, o homem é produto de sua liberdade, pois é na ação livre que o homem escolhe seu ser, que se constrói enquanto sujeito.

Neste contexto, na experiência cotidiana, o Para-si descobre a realidade do outro. Sartre usa o exemplo da vergonha como um modo de ser da consciência. O outro surgirá como mediador do Para-si consigo mesmo, pois este sente vergonha de si tal como aparece ao outro. “A vergonha é, por natureza, reconhecimento. Reconheço que sou como outro me vê”. (SARTRE, 2003, p. 276).

Todavia como o ponto de partida do homem é a existência e não a essência, este terá de se construir ao longo de seu existir. E ao mesmo tempo se depara com outros existentes na mesma condição: outras liberdades que tentam realizar-se.

Sartre parte do cogito cartesiano para estudar a intersubjetividade. O outro deve aparecer ao cogito como não sendo eu. Há um empenho em mostrar que entre eu e o outro há uma “ligação fundamental”.

Existe uma conexão entre mim e outro, diferente de minha relação com os objetos. Esta relação interna aparece quando acontece o olhar do outro sobre mim. A categoria do olhar ocupa um espaço importante na teoria existencialista sartreana, pois é através do olhar que se inicia a relação com o outro.

Jameson afirma que “o olhar pode ser tomado como virtualmente sua mais importante inovação filosófica” (2011, p. 106). Segundo ele, o problema de Descartes sobre a existência dos outros é resolvido com o olhar que o outro me lança dando certeza de sua existência.

O olhar do outro petrifica o Para-si de uma forma muito semelhante ao olhar da medusa. O outro solidifica sua liberdade e o qualifica. Mas o Para-si nunca tem acesso à consciência do outro. Porém, precisa do outro para ter uma objetividade.

Segundo Lévy, por trás desta relação esconde-se a ideia de um ser sozinho:

a solidão é irremediável. É como um sombrio encanto, uma fatalidade, que fazem com que, quando um sujeito aborda um outro, quando o ouve e o olha, só o posso degradar, até torná-lo objeto, a menos que seja o outro, o sujeito tornado objeto, que devolva primeiro a gentileza, devolva-lhe o olhar e inverta a relação de degradação. (LÉVY, 2001, p. 276).

Como veremos, só será possível sair de sua alienação, alienando quem está em frente.

O problema da intersubjetividade em Sartre tem como obstáculo o fato de que parte de um sujeito como centro de referência, o qual o conhecimento subjetivo fica restringido ao sujeito que conhece. Desse modo, o acesso à consciência do outro não pode se dar da mesma forma em que o sujeito acessa sua própria consciência. Como afirma Leopoldo e Silva “nesse sentido, se a certeza relativa à própria consciência for o único ponto de partida, o sujeito corre o risco de permanecer encerrado nessa representação originária, absolutamente certo de si mesmo, mas também prisioneiro dessa certeza” (2012, p. 23). Esta situação é denominada solipsismo.

Todavia, numa filosofia tradicional como a de Descartes, o homem conhece a si mesmo com certeza e evidência a partir de uma reflexão inseparável do sujeito, constituindo sua essência. No caso da filosofia existencialista como em Sartre a qual não há uma essência definida e a existência é o ponto de partida em sua total indeterminação, o sujeito tem de se fazer ao longo de seu existir. E nesta trajetória, o sujeito se depara com os outros que, assim como ele, também são liberdades que tem seus projetos.

Neste contexto, Sartre irá buscar as condições para validar uma teoria da existência do outro. Mas, para isso, será necessário responder duas questões anteriores: trata-se da questão sobre a existência do outro e a da minha relação de ser com o outro, pois, como foi visto, não pode ser uma relação pela via do conhecimento. Em que termos se dá a existência do outro? E como se realiza, com efeito, a relação com o outro?

A certeza da existência do outro

Não se deve procurar provar a existência do outro, pois tal existência não pode ser uma probabilidade. Se o outro existe fora da minha experiência, não seria possível confirmar sua existência: “mais precisamente, não conjecturo a existência do outro: eu a afirmo” (SARTRE, 1997, p. 324).

Não devo tentar provar a existência do outro, mas tentar fundamentar a certeza de sua existência, pois eu não duvido da minha existência, não

tento prová-la. Do mesmo modo, eu “sei” da existência do outro, tenho uma compreensão de sua existência. Com efeito, “se a existência do outro não é uma conjectura inútil, pura ficção é porque existe algo como um cogito que lhe diz respeito” (SARTRE, 1997, p. 325).

Para Sartre (1997), o único ponto de partida é o do cogito. Este não deve nos revelar um objeto-outro. Como vimos, não é possível ser objeto, pois isso remete ao terreno do provável. Dessa forma, o outro não pode ser para nós como algo que constitui nosso conhecimento do mundo.

Poderia haver a tentativa de tentar em relação ao outro o que Descartes tentou com Deus. Mas Sartre rejeita tal possibilidade, pois a apreensão do outro deve se dar pela negação interna: “o outro deve aparecer ao cogito como não sendo eu” (SARTRE, 1997, p. 326).

Como observa Leopoldo e Silva: “temos, portanto, de tentar extrair desse cogito aquilo que nos permite afirmar a realidade do outro, encontrando no Para-si a estrutura que o faz ser para outro” (2004, p. 185).

Há de existir algo estrutural pelo qual o Para-si se constitua pelo outro, mas não como uma representação subjetiva. O ser-para-outro não pode ser uma estrutura *a priori* como em Heidegger, mas como pertencente à existência e que seja indubitável.

Desse modo, a relação de objetividade não pode ser o fundamento entre mim e o outro. Deve ser uma negação interna, na qual cada um dos envolvidos se constitui negando o ser o outro. Mas o cogito não deve nos revelar um objeto – outro, pois ao objeto é atribuída a probabilidade. O outro não é representação, não pode ser objeto, ele é para nós.

A dificuldade a ser aqui superada diz respeito ao fato de que o outro que é aquele que eu não sou não é objeto, isto é, não se situa no horizonte das minhas representações, mas é uma presença ôntica, o que quer dizer que está aí antes que eu estabeleça com ele uma relação ontológica pela qual me assegure da sua existência, coisa que, num certo sentido, jamais acontecerá. Antes de produzir-se no jogo das minhas representações, o outro está enraizado na minha facticidade no modo da contingência necessária (LEOPOLDO e SILVA, 2004, p. 186).

Então, para Sartre, essa percepção da objetividade do outro, para não ser dependente da mera probabilidade, conduzirá a uma “captação fundamental do outro” (1997, p. 327).

O outro enquanto objeto

Nesta condição, o outro aparecerá como presença em pessoa, não mais como simples objeto. Há algo no outro que o difere dos objetos. Essa remissão ao outro como presença ocorrerá fora do âmbito do conhecimento, pois o conhecimento de um objeto dá margem à probabilidade. Tem de

haver uma conexão fundamental com o outro que seja diferente da que é captada mediante o conhecimento. Quando vejo um homem, por exemplo, eu o percebo como objeto, mas também como homem. Mas por que há essa diferença de captação do homem e dos objetos em geral? Haveria algum tipo de relação originária com o outro?

Quando vejo alguém na rua, vejo-o como um objeto. Mas não posso ter uma relação de objetividade com os outros, pois isso acarretaria um conhecimento provável. Deve haver outro tipo de relação, na qual o outro apareça enquanto pessoa e não objeto.

O problema era proposto baseado na premissa de que o outro se revela primeiro a nossa percepção, enquanto objeto, mas como afirma Sartre:

como esta percepção, por sua própria natureza, refere-se à outra coisa que não si mesmo e não pode remeter seja a uma série infinita de aparições do mesmo tipo – como o faz, para o idealismo, a percepção da mesa ou da cadeira –, seja a uma entidade isolada que se situe por princípio fora de meu alcance, sua essência deve ser a referência a uma relação primeira de minha consciência com a do outro, na qual este deve me aparecer diretamente como sujeito, ainda que em conexão comigo – relação essa que é relação fundamental, do mesmo tipo de meu ser-para-outro. (SARTRE, 1997, p. 327).

O outro me aparece na realidade cotidiana. Todavia, como sua aparição remete a uma relação fundamental?

Sartre (1997) dá o exemplo de um jardim público, aonde há um gramado, assentos e um homem que passa. Ao ver este homem eu não apenas o capto como objeto, mas também como homem. Mas como eu capto aquele objeto como homem?

Ele poderia ser facilmente confundido com um boneco. Um boneco que naquele cenário tem uma relação de soma aos objetos. Ele é apenas mais um objeto no jardim. Entretanto, ao captá-lo como homem, ele deixa de ser mais um objeto adicionado à cena. Há uma nova situação em jogo: agora há uma organização dos objetos em volta deste referencial chamado homem. O gramado que vejo também é visto por este homem. Há uma distância do homem até o gramado. Surge uma espacialidade que não é minha. Pois, agora os objetos não estão todos relacionados somente a mim: há uma orientação que me escapa. Mas esta relação entre o homem e os objetos do jardim não é a relação originária que tenho com o outro.

Mas nada muda no que diz respeito ao caráter de probabilidade, pois ainda é provável que ele seja homem e também que ele veja o gramado enquanto eu o percebo.

Entretanto, surge algo novo: a distância do gramado que se estende até o homem que vejo me escapa inteiramente. O homem se torna algo como um desintegrador de meu universo: “o outro é, antes de tudo, a fuga

permanente das coisas rumo a um termo que capto ao mesmo tempo como objeto a certa distância de mim e que me escapa na medida em que estende à sua volta suas próprias distâncias” (SARTRE, 1997, p. 329).

Os outros objetos em torno do homem que vejo também se relacionam com ele criando um espaço ao seu redor. É, no entanto, o mesmo espaço em que estou inserido, mas há um reagrupamento que me escapa. O outro qualifica os objetos de alguma forma: por exemplo, o verde da grama. Eu capto essa relação do verde da grama e o homem como algo objetivo. Entretanto, não tenho acesso ao verde da grama como aparece ao outro. O outro é um tipo diferente de objeto, mas para mim ainda aparece como um objeto. Porém, ele possui suas distâncias, e capta objetos diferentemente de mim. Desse modo, segundo Sartre, “apareceu um objeto que me roubou o mundo” (SARTRE, 1997, p. 330). Um objeto que me rouba o mundo, pois não tenho acesso ao que ele está captando. Então, o homem continua sendo um objeto para mim, e esse caráter de objetividade não me permite ter acesso ao seu interior.

Diz Sartre: “Perceber tal figura como homem é captar uma relação não aditiva entre ele e o assento, é registrar uma organização sem distância das coisas de meu universo em torno deste objeto privilegiado” (1997, p. 328).

Mas o outro não deixou de ser ainda um objeto para mim, ele “pertence às minhas distâncias” (SARTRE, 1997, p. 330). O outro se define em conexão com o mundo, enquanto objeto que vê o que vejo. É neste momento que a minha relação com o outro enquanto sujeito será conduzida à possibilidade de ser visto pelo outro: “É na revelação e pela revelação de meu ser-objeto para o outro que devo poder captar a presença de seu ser-sujeito” (SARTRE, 1997, p. 331). Pois, se o outro é um objeto provável para mim enquanto sujeito, descubro-me como objeto provável para um sujeito. Como não é possível ser objeto para um objeto, é necessário uma “conversão radical do outro” (SARTRE, 1997, p. 331).

O olhar que o outro me lança não pode ser o de um objeto, assim como minha objetividade para mim não pode resultar do mundo, pois não posso ser objeto para mim mesmo: “Sou aquele pelo qual há um mundo” (SARTRE, 1997, p.331).

A conclusão de Sartre aqui é a seguinte: eu apreendo o outro como homem pela minha possibilidade permanente de ser visto por ele.

O olhar

Tem de haver algo no Para-si pelo qual ele se constitua também pela realidade do outro, enquanto algo irreduzível. Do mesmo modo que Sartre parte das estruturas do Para-si para o estabelecimento da relação com o Em-si, enquanto facticidade não constituída pela consciência partirá do Para-si, com o objetivo de que o outro nos seja revelado como presença concreta, do

qual não se pode duvidar. Sartre então aposta num fato irreduzível: o ser-visto-pelo-outro. Minha apreensão do outro como homem e não como objeto parte da possibilidade de ser-visto-pelo-outro. Essa relação original com o outro é experienciada pelo olhar: “o outro é, por princípio, aquele que me olha” (SARTRE, 1997, p. 315).

Existe uma conexão entre eu e o outro, diferente de minha relação com os objetos. Esta relação interna aparece quando acontece o olhar do outro sobre mim. Com efeito, “a negação é interna porque o outro se constitui como outro si-mesmo pela negação de mim- mesmo: o outro não “é”eu. Mas eu não sou o outro do mesmo modo que eu não sou a mesa. Pois, o modo como não sou o outro vai incidir na maneira como me aprenderei enquanto sendo eu mesmo” (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p.186-187).

Minha relação originária com o outro é algo concreto. A todo instante, o outro me olha.

Para Sartre, a apreensão de um olhar seria diferente de perceber olhos: “Se apreendo o olhar, deixo de perceber os olhos” (1997, p. 333). O olhar do outro disfarça os seus olhos. Os olhos tem uma distância de mim, ao passo que o olhar está em cima de mim. Na obra *O imaginário*, Sartre (1996) observa que não podemos perceber e imaginar ao mesmo tempo. Nesse caso do olhar, não é possível captar um objeto e ao mesmo tempo perceber o olhar sobre nós.

Mas o olhar do outro tem uma relação que não tem a ver com os olhos enquanto órgãos sensíveis. Eu apreendo o olhar e não os olhos do outro. Não podemos perceber o mundo e captar ao mesmo tempo um olhar “porque perceber é olhar e captar um olhar é tomar consciência de ser visto” (SARTRE, 1997, p.333).

E no olhar não há simetria: ou eu olho o outro ou sou olhado por ele. É sempre uma relação desigual, quase de dominação.

Para entendermos melhor o olhar, tomemos como exemplo a obra literária *Sursis*. O personagem Mathieu, um professor de filosofia que tenta afirmar sua liberdade a todo o momento, se descobre mobilizado para a guerra. Seu amigo, Daniel, que após assumir sua condição de pederasta, casa com Marcelle, para se punir, vê na guerra uma oportunidade de acabar com sua vida, a qual ele não teve coragem para fazê-lo. Assim ele descreve a presença do olhar:

-Estão me vendo, não. Nem mesmo isso: alguma coisa me vê. Sentia-se objeto de um olhar. Um olhar que o perscrutava até o fundo, que o penetrava a golpes de punhal e que não era o seu olhar; um olhar opaco, a própria noite, que o esperava no fundo dele mesmo e o condenava a ser ele mesmo, covarde, hipócrita, pederasta para sempre. Ele mesmo palpitando sob esse olhar e desafiando esse olhar. O olhar. À noite. Como se a noite fosse um olhar.

-Estou sendo visto. Transparente, transparente, transpassado.

Mas por quem? Não estou só, disse Daniel em voz alta” (SARTRE, 2005, p.130-131).

Daniel sente-se visto por alguém. E o fato de haver alguém causa-lhe um arrepio imediato, quase como uma censura do seu ato. É o que Sartre denomina vergonha.

A vergonha como reconhecimento

O que é a vergonha? Responde Sartre: “A vergonha é apreensão vergonhosa de algo e este algo sou eu” (1997, p.289). A vergonha não é um fenômeno de reflexão originalmente. “É vergonha diante de alguém” (SARTRE, 1997, p. 289). O personagem de *Sursis*, Daniel, sente vergonha ao sentir-se visto.

Mas a vergonha não é reflexiva, pois a presença do outro à minha consciência é incompatível com a atitude reflexiva: na minha reflexão só encontro a minha consciência. A vergonha se acontece na consciência irrefletida. Assim, o outro aparece como mediador entre mim e mim mesmo, pois “sinto vergonha tal como apareço ao outro” (SARTRE, 1997, p. 290). É reconhecimento, pois “reconheço que sou como o outro me vê” (SARTRE, 1997, p. 290). Entretanto, não é uma comparação entre o que sou para o outro e o que sou para mim, pois não há correspondência.

Sartre em *O ser e o nada* dá o exemplo de alguém espiando pela fechadura. Se estou espiando na fechadura e estou sozinho não há um eu na minha consciência, e neste momento não é possível relacionar meus atos a algo ou qualificá-los. Estes atos não são conhecidos, “Eu sou meus atos [...] Minha consciência adere aos meus atos, ela é meus atos.” (SARTRE, 1997, p. 334).

Desse modo, não há como haver algum tipo de juízo sobre minha ação, pois eu a vivo. Mas não posso me definir como estando em situação, como alguém que está escutando atrás da porta. Não é possível me definir, nem me conhecer, pois sou meu próprio nada.

A consciência reflexiva tem a si própria por objeto. A vergonha surge na consciência irrefletida e como não sou consciência posicional de mim mesmo, na consciência irrefletida não posso julgar meus atos, pois estou vivenciando-os. O eu para Sartre só é apreendido pelo Para-si na consciência reflexiva. Mas a consciência reflexiva não remete ao que está sendo vivido, e sim ao que já foi vivido.

Como o outro surge como um mediador entre mim e mim mesmo através da vergonha. Será a partir do outro que será possível julgar o que fiz, fazer um juízo. Mas um juízo sobre um objeto que sou, pois eu aparecerei como objeto ao outro. Mas o modo que o outro me vê, enquanto objeto, não corresponde ao que sou para mim.

Temos como exemplo também a peça Em *Entre quatro paredes*, a

qual os personagens morrem e vão para o inferno. Todavia, a personagem Inês se dá conta de que não existe tortura física no inferno. A tortura é a convivência eterna: terão de ficar juntos até o fim. Como não há um carrasco, cada um será o carrasco para os outros dois na medida em que não se pode ser objeto para si mesmo, somente pelo outro é possível ser objeto. Mas o que o outro qualifica a respeito de mim jamais me será dado.

A personagem Estelle, mediante o fato de não haver espelhos na sala, entra em desespero. No inferno não há espelho, pois através do espelho asseguramos nossa identidade, ou como diria Estelle: “somente quando me vejo consigo ter certeza de que existo” (SARTRE, 2011, p. 67). Desse modo, o único espelho é o outro, ela depende de Inês e do outro personagem, Garcin, para “se ver”. Mas há uma armadilha: “Inês: Que tal se o espelho comesse a mentir? Ou se eu fechasse os olhos, se não quisesse olhar, que faria de toda a beleza?” (SARTRE, 2011, p. 72).

Em *A náusea*, o personagem Roquentin se questiona: “Talvez seja impossível compreender o próprio rosto. Ou talvez seja porque eu sou um homem sozinho? As pessoas que vivem em sociedade aprenderam a se ver nos espelhos tal como seus amigos as veem. Não tenho amigos: será por isso que minha carne é tão nua?” (SARTRE, 1983, p.36-37). Dependemos do outro para sermos objeto. Não nos vemos exteriormente e nem qualificamos nossos atos, pois a consciência como fluxo que é apenas vive os atos.

O outro então irá me constituir em “novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas” (SARTRE, 1997, p. 290). Mas este ser não estava em mim, esperando pela aparição do outro. Este novo ser não reside no outro, eu sou responsável por ele.

Com efeito, quando alguém me olha, passo a existir enquanto eu para minha consciência irrefletida. O eu se revela ao Para-si na consciência reflexiva. A consciência irrefletida é consciência do mundo, assim o eu existe ao mesmo nível que os objetos do mundo. A presentificação do eu agora pertencerá à consciência irrefletida. Mas a consciência reflexiva tem o eu por objeto, enquanto que a consciência irrefletida não capta a pessoa como objeto, a pessoa está presente à consciência enquanto é objeto para outro. Assim, “tenho consciência de mim escapando-me de mim mesmo, enquanto tenho meu fundamento fora de mim” (SARTRE, 1997, p. 336).

Posteriormente, em *Sursis*, Daniel envia uma carta a Mathieu, comunicando sua descoberta do olhar. Mathieu que se mantém sempre distante dos acontecimentos e do envolvimento com pessoas, tentando deixar sua liberdade intacta, mas numa atitude solipsista. Daniel tenta explicar que sozinho não é possível ser objeto para si mesmo:

Antes de tudo, poderás compreender-me se te disser que nunca soube o que sou? Meus vícios e minhas virtudes, estou com o nariz em cima deles, não os posso ver nem recuar suficientemente para considerar-me um conjunto. [...] mal tento

nomear-me e já quem é nomeado se confunde com quem nomeia e é preciso recomençar tudo. Muitas vezes desejei odiar-me e bem sabes que tinha boas razões para tanto. Mas esse ódio, logo que o experimentava, afogava-se na minha inconsistência e já não passava de uma recordação” (SARTRE, 2005, p. 395).

Desse modo, em *Sursis*, Daniel não consegue se odiar. Seu ego não pode ser preenchido, pois o apreende enquanto não é para si e existe para o outro. Algo que jamais lhe pertencerá, mas ele é.

De outro modo, Mathieu, no mesmo romance, em uma conversa com sua cunhada, dá-se conta da qualificação recebida atrás do olhar do outro. O olhar do outro lhe confere uma “essência”, ao qualificá-lo enquanto burguês: “Ela me vê. Pareceu-lhe que endurecia e diminuía a toda velocidade. Atrás desses olhos há um céu sem estrelas, há também um olhar. Ela me vê: como vê a mesa e o uculê. E para ela eu sou uma partícula suspensa num olhar, um burguês. É verdade que sou um burguês. E, no entanto não chegava a senti-lo” (SARTRE, 2005, p.370).

Dessa forma, não posso ser objeto para mim, apenas o outro consegue me ver e ao me objetivar me qualifica de certa forma. Sou aquele pelo qual há um mundo, aquele que por princípio não poderia ser objeto para si mesmo. Neste sentido comenta Leopoldo e Silva: “Quando um ser humano olha outro, carrega nesse olhar algo que define e qualifica o outro, em vários níveis. Isso é parte da negação interna, base da relação de alteridade. Não apenas o outro aparece como aquele outro que me olha, mas também como aquele que, ao me olhar, me vê de certa forma” (2004, p. 187).

No mesmo sentido, lemos a passagem de *Sursis*:

Tu me vias, a teus olhos eu era sólido, previsível; meus atos e meus humores não eram mais que as consequências de uma essência fixa. Esta essência é através de mim que a conhecias, eu a tinha descrito com as minhas palavras, eu te revelara fatos que ignoravas e que te tinham permitido entreve-la. No entanto, tu é que a vias e só podia ver-te a vê-la. (SARTRE, 2005, p. 397).

Minha consciência é meus atos e como vimos só me relaciono com meus atos na consciência irrefletida. E assim, eu não sou objeto para mim, só me apreendo enquanto sou objeto para o outro.

O olhar como solidificação de possibilidades

A vergonha me revela que sou um ser no modo do Em-si. O outro me olha e eu sou, não para mim, mas para o outro. O outro me despe de minha transcendência. E esta transcendência adquire uma natureza pelo fato de que o outro confere a esta transcendência um lado de fora. Assim, pelo

outro, eu tenho um lado de fora, uma natureza, o que Sartre observa ser um pecado original: “Pecado original é a existência do outro e a vergonha assim como o orgulho é a apreensão de mim como natureza” (1997, p. 338). Pois, minha natureza está fora de minha liberdade vivida.

A vergonha me revela o olhar do outro, revelando a mim mesmo. Me faz viver, e não conhecer, a situação do ser-visto. A vergonha é “vergonha de si, reconhecimento de que sou este objeto que o outro olha e julga. Tenho vergonha de minha liberdade porque ela me escapa para se converter em objeto.” (SARTRE, 1997, p.336).

Na peça *Entre quatro paredes*, Inês e Garcin insistem com Estelle a respeito do motivo de ela ter ido para o inferno. Ela confessa: teve uma filha com o amante, matou-a na frente dele e ele acabou se suicidando. Estelle desabafa: “Mas não era preciso fazer isso: meu marido não desconfiava de nada. (*Um tempo*) Tenho ódio de vocês” (SARTRE, 2011, p.88). Estelle os odeia, pois agora eles sabem o que ela fez, e como foi covarde. A qualificação dos outros a faz sentir vergonha. Após o inquérito, Estelle permite que Garcin fique em mangas de camisa, pois já não há mais cerimônia: estão “nus”.

Sou coisificado ao ser olhado pelo outro, pois ele me objetiva. Assim o outro solidifica minhas possibilidades, pois eu sou possibilidades enquanto liberdade. Ao me olhar, o outro me apreende em relação com os utensílios: sou aquele que está no buraco da fechadura. Ao ser visto pelo outro na situação de estar no buraco da fechadura, tenho a possibilidade de me esconder. Mas essa possibilidade se torna utensílio.

Com o olhar do outro, não tenho mais controle da situação. Podem acontecer coisas inesperadas a partir do momento em que outra liberdade aparece. Sou escravo do outro na medida em que sou dependente de uma liberdade que não é minha, mas é condição de meu ser.

Sartre explicita reações subjetivas ao olhar do outro: o medo de estar em perigo frente ao outro, o orgulho ou a vergonha são o reconhecimento da minha escravidão e alienação de minhas possibilidades.

Sartre (1997) sustenta que o outro não nos é dado como objeto, o próprio olhar do outro é a desapareição de meus olhos. Mas essa objetivação é algo como uma defesa de meu ser. Eu o objetivo na medida em que não tenho acesso a seu ser sujeito. Quando sinto que sou olhado, constato uma presença transmundana do outro.

Todavia, o outro aliena minhas possibilidades ao me objetivar e qualificar, pois somente uma liberdade pode limitar outra liberdade. Por exemplo, não é a mesma coisa ficar em casa porque está chovendo e porque me proibiram de sair. A segunda opção ocorre porque alguém limitou minha liberdade.

Quando o outro me olha tenho consciência de ser objeto, mas esta consciência se dá pela existência do outro. Não me é dada. Da mesma forma, o outro não é objeto da vergonha. A vergonha revela o outro, mas

não como revela um objeto. O objeto é o que a consciência não é. Uma qualificação atribuída a mim caracteriza-me como um Em-si. Mas não posso ser essa qualificação que me é atribuída. O outro me constitui como objeto para ele.

Voltemos à peça *Entre Quatro Paredes*, onde o personagem Garcin precisa convencer Inês e Estelle de que não é um covarde. Os vivos o qualificaram assim, mas sem ligação com o mundo dos vivos, ele só tem as duas para convencer. Inês sabe que o fato de ele ter fugido da guerra é o que o atormenta. Estelle pouco se importa se ele foi corajoso ou não, ela só quer a atenção dele, enquanto Inês tem prazer em atormentá-lo mais ainda. Especialmente pelo ciúme que sente da relação dos dois. Garcin tenta convencer Inês:

Garcin: Veja só: são mil a repetir que sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse, com todas as suas forças, que eu não fugi, que eu não posso ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito. Tenho... tenho certeza de que me salvaria. Acredite em mim. (SARTRE, 2011, p. 112).

Garcin sabe que deve convencer Inês porque ela sabe o que é ser covarde. Não pode deixar ela triunfante com estes pensamentos sobre ele. Inês sabe que o tem nas mãos: “você é um covarde, Garcin, porque eu quero que você seja um covarde. Eu quero, compreende? Eu quero! No entanto, veja que fraquinha que sou: um sopro. Sou apenas o olhar que está vendo você, o pensamento incolor que está pensando em você.” (SARTRE, 2011, p.122).

Ao ser visto pelo outro, percebo que sou vulnerável e estou sem defesa. Percebo que o outro é um ser livre, que pode limitar minha liberdade. Com a qualificação do outro, sou objetivado e minhas possibilidades ficam alienadas, pois ele me transforma em um ser Em-si. Ao mesmo tempo, quando o outro me qualifica, ao solidificar minhas possibilidades, me delega uma essência, uma natureza, um lado de fora. E será dessa forma que poderei captar-me como sendo visto no mundo.

Apreendo minhas possibilidades de fora através dele, mas sou essas possibilidades. Essas possibilidades aparecem à consciência irrefletida na medida em que o outro me espreita. Com o outro a situação me escapa na medida em que podem ocorrer inversões inesperadas. Quando ajo sozinho, posso prever as consequências. O outro faz surgir algo que não foi desejado por mim.

Dependo em meu ser de uma liberdade que não é minha. Alguém me qualifica e não posso agir sobre tal ou conhecê-la. Mas ao mesmo tempo, necessito dele para me captar como objeto no mundo.

Desse modo, “O olhar do outro, como condição necessária de minha objetividade, é a destruição de toda objetividade para mim” (SARTRE,

1997, p. 346). Quando o outro me olha, ele não vê minha distância em relação aos objetos, mas as distâncias dele. O outro me atribui distâncias. Sendo através do outro que adquire minha objetividade. “Assim pelo olhar experimento o outro concretamente como sujeito livre e consciente que faz com que haja um mundo temporalizando-se rumo as suas próprias possibilidades” (SARTRE, 1997, p.348).

Tenho consciência de ser objeto pelo olhar do outro, mas não tenho acesso à consciência do outro. Por exemplo, não posso me captar como malvado, pois não posso ser malvado para mim. E tal qualificação me faz um Em-si. Quando o outro me descreve, não me reconheço, mas sei que sou eu. Não posso me fazer objeto para mim, pois não posso alienar a mim mesmo.

Conclui Jameson: “a transformação de outras pessoas em coisas através do olhar torna-se, assim a principal fonte de dominação e uma submissão que só podem ser superadas ao se olhar de volta ou retornar o olhar” (2001, p. 108).

Falsa vergonha

Pela vergonha, estabeleceu-se uma certeza do outro que é indubitável. Mas é somente provável que o outro me olhe. Como ter certeza que estou sendo visto?

O ser-visto não pode depender do objeto que olha. Quando o outro me olha, não percebo o objeto que olha, mas uma liberdade. No entanto, “o certo é que sou visto”. Não é necessária uma presença intramundana, pois não são os olhos que me veem, mas o outro como sujeito.

O que é provável não é o outro, mas o ser-aí do outro. Mas é apenas provável que o outro me olhe. E o ser-visto não pode depender do objeto que manifesta o olhar. Desse modo, “o certo é que sou visto, o apenas provável é que o olhar esteja vinculado a tal ou qual presença intramundana”. (SARTRE, 1997, p. 355) Por exemplo, em frente ao buraco da fechadura, ouço passos. Sinto um frisson de vergonha, alguém me viu. Mas era alarme falso. Mas se continuo na ação, estarei alerta ao menor ruído, e se estremeço de vergonha ao menor ruído, é porque já estou em estado de ser-visto. O que é que apareceu enganosamente e destrói-se quando descobri o alarme falso? Não é o outro-sujeito, nem sua presença, é a “facticidade do outro, a conexão contingente entre o outro e um ser-objeto em meu mundo” (SARTRE, 1997, p. 355). O que é de fato duvidoso não é o outro em si mesmo, mas o ser-aí do outro.

Daniel em Sursis tenta explicar o olhar que não depende de uma presença corpórea:

E tu também, zombador incorrigível, o olhar te vê. Mas não o sabes. Dizer-te o que é o olhar ser-me-ia fácil: porque não é nada; é uma ausência. Imagina a noite mais escura. É a noite

que te olha. Mas uma noite ofuscante; à noite em plena luz; a noite secreta do dia [...] Que angustia descobrir subitamente esses olhos como um ambiente universal do qual não posso fugir. [...] esse “penso, logo existo” que tanto me fez sofrer – pois quanto mais pensava menos me parecia existir – e digo: veem-me, logo existo. [...] sou como ele me vê. [...] Eis-me como me vedes, tal como sou. Que posso fazer? Vos me conheceis e eu não me conheço. Que posso fazer senão suportar-me? E vós, cujo olhar me segue eternamente, suportai-me, Mathieu, que alegria, que suplico! Estou enfim transformado em mim mesmo. Odeiam-me, desprezam-me, suportam-me, uma presença me sustem e auxilia-me a ser para sempre (SARTRE, 2005, p. 398).

A ausência de alguém é definida por Sartre como um modo de ser da realidade que ela determinou com sua presença. Por exemplo: é com relação a outros homens que Pedro está ausente. Desse modo, “é com relação a todo homem vivo que toda realidade humana é presente ou ausente sobre o fundo de presença originária” (SARTRE, 1997, p. 358).

O que é então a ausência? Vejamos a resposta de Sartre:

Ausência é um modo de ser concreto de Pedro com relação à Tereza: é um nexos entre realidades humanas, e não entre realidade humana e o mundo. É com relação à Tereza que Pedro está ausente desse lugar. Portanto, a ausência é uma conexão de ser entre duas ou mais realidades humanas.” (SARTRE, 1997, p. 356-357).

É com relação a todo homem vivo que toda realidade humana é presente ou ausente. E esta presença originária só pode ter sentido desde que o outro seja objeto para mim ou que eu seja objeto-para-outro. O ser-para-outro é algo que está na minha realidade humana e apreendo-o com uma necessidade de fato em qualquer pensamento: “O outro está presente a mim onde quer que seja como aquilo pelo qual eu me torno objeto” (SARTRE, 1997, p. 358).

Em *Entre Quatro Paredes*, a personagem Inês exemplifica esta questão:

Inês – E eu estou vendo vocês, vendo vocês! Eu, sozinha, sou toda uma multidão: a multidão, Garcin, a multidão, compreende? (*Murmurando*) Covarde! Covarde! Covarde! Covarde! É inútil fugir de mim: não deixarei você. Que é que está procurando nos lábios dela? O esquecimento? Mas eu, eu não esquecerei você.
E é a mim que você tem que convencer. A mim! (SARTRE, 2011, p.124).

Dessa forma, o caráter de objeto continua sendo provável. Pois, não é possível transferir a certeza do outro sujeito (que me olha) ao outro objeto. O olhar mesmo destrói o objeto que o manifesta. Assim, o ser-visto não pode depender então do objeto que olha. O ser-visto não está vinculado ao corpo do outro.

A realidade humana, diferentemente dos objetos, pode ocupar uma localização. “A ausência define-se como um modo de ser da realidade humana com relação a lugares e localizações que ela mesma determinou por sua presença” (SARTRE, 1997, p. 356). Uma pessoa está ausente em relação a um lugar que ela costuma estar.

É com relação às outras pessoas que alguém está ausente. A morte não é uma ausência. O que é provável é apenas a distância real do outro.

Daniel, em *Sursis*, descreve a experiência do olhar que não depende de uma presença particular:

Certamente, já tiveste no metrô, no saguão de um teatro, num vagão, a impressão repentina e insuportável de ser espiado por trás. Tu te voltas, mas o curioso já mergulhou o nariz num livro; tu não consegues saber que te observas. Tornas à posição anterior, mas sabes que o desconhecido regei os olhos, e sentes um formigamento nas costas, comparável a uma crisão violenta e rápida de todos os teus tecidos. Pois bem, eis o que senti pela primeira vez, a 26 de setembro, às três da tarde, no parque do hotel. Não havia ninguém entendes Mathieu, ninguém. Mas o olhar estava lá. Compreenda bem: não o agarrei como se abocanha de passagem um perfil, uma fronte, uns olhos; pois sua natureza própria é inalcançável. [...] existia na presença de um olhar. Desde então nunca deixei de estar diante de uma testemunha. (SARTRE, 2005, p. 397)

Há também um caráter de simultaneidade no olhar o qual remonta a uma conexão temporal de dois existentes não vinculados por qualquer outra relação. A simultaneidade não pertence aos existentes do mundo, pois “pressupõe a co-presença ao mundo de dois presentes considerados como presenças-a.” (SARTRE, 1997, p. 343). Como afirma Sartre, a presença de Pedro ao mundo é simultânea à minha presença. Por exemplo, esse vaso existe para Pedro ao mesmo tempo em que existe para mim. Pressupõe um fundamento que tem de ser a “presença à minha própria temporalização de um outro que se temporaliza” (SARTRE, 1997, p. 343). Enquanto o outro se temporaliza, temporaliza-me com ele.

Daniel, em *Sursis* conclui: “Mas, um dia, me dei conta da reciprocidade de nossas relações. Que serias tu sem mim, senão essa mesma espécie de inconsistência que sou para mim mesmo?” (SARTRE, 2005, p.397).

Considerações finais

Em suma, o homem sozinho não pode se conhecer totalmente. É através dos outros que alguém consegue ver a si mesmo como parte do mundo. O ser Para-si só é Para-si através do outro. Ao olhar para nós, o outro nos faz existir objetivamente e nos aliena de nossa própria existência, porém, este modo de ser, ou melhor, aquilo que o outro afirmar a nosso respeito só será verdadeiro se nós assim escolhermos. “Assim, a liberdade do outro confere limites a minha situação, mas só posso experimentar esses limites caso reassuma este ser-para-outro que sou e lhe atribua um sentido à luz dos fins que escolhi” (SARTRE, 1997, p. 646).

Porém, encontramos um problema para este homem absolutamente livre, pois, ao surgir o outro, este homem que escolhe identifica no outro um limite à sua liberdade; o outro é um problema, pois nos impede de fazer o que desejamos. Não obstante, somos tão responsáveis pelo outro como o somos por nós mesmos. Pois, quando agimos pensamos no que seria o melhor para nós e para a humanidade.

É deste conflito entre a nossa liberdade e a liberdade do outro que surge a relação com o outro. Pois, o outro é indispensável a nossa existência, porém, insistimos em agir como se ele fosse totalmente dispensável. Sartre, por fim, em *O existencialismo é um Humanismo*, destaca a importância que o outro tem para nós:

O outro é indispensável a minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros (SARTRE, 1987).

Referências bibliográficas

- BORNHEIM, Gerd. *Sartre - Metafísica e existencialismo*. São Paulo, perspectiva, 2007.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: Ensaio sobre a globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LEOPOLDO e SILVA, Franklin. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. *O Outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- LEVY, Bernard-Henry. *O século de Sartre*. Editora: Nova Fronteira, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 259 p.

- _____. *Entre Quatro Paredes*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *O existencialismo é um humanismo*. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1987.
- _____. *O Imaginário*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- _____. *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Sursis*. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.